

LAHIRE, Bernard, *Homem plural: os determinantes da ação*. Tradução de: Jaime A. Clasen. Petrópolis : Vozes, 2002.

Davi Marangon*

Bernard Lahire é sociólogo, professor na Universidade Lumière Lyon II, membro do Instituto do Universitário da França e pesquisador do Grupo de Pesquisa sobre socialização do Conselho Nacional Francês de Pesquisas Sociais. Tornou-se conhecido no Brasil pela publicação da obra *Sucesso escolar em meios populares: razões do improvável*. O autor inscreve-se dentro de uma linha sociológica crítica que procura estudar o indivíduo como construção singular do social, que atravessa diferentes contextos de socialização, incorporando diferentes formas de agir. Alimenta a idéia de que toda a teoria da ação é, em realidade, uma teoria política, pois, ao se indagar sobre o agir tornam possível a sua mudança, de maneira que seja mais virtuoso e democrático.

Na obra o *homem plural* o autor nos convida a uma instigante reflexão a respeito das diferentes teorias da ação social, traçando um quadro no qual aparecem novas pistas de investigação em que os achados científicos, restritos ou amplos, não podem e não devem ser generalizados. Aponta para as tensões em delinear uma crítica profunda e consistente de alguns de seus pressupostos. Desta forma, Lahire, vai estabelecer um diálogo com diversos autores de diferentes teorias da ação, dedicando uma atenção especial ao pensamento de Pierre Bourdieu e a sua teoria da prática e do *habitus*. Apesar de ter nutrido sua própria posição sociológica nas idéias de Bourdieu, vai lançar sobre ele sua crítica procurando ao mesmo tempo dialogar com seus conceitos e contra eles na perspectiva de ultrapassá-los.

A proposta principal do autor foi estabelecer as primeiras noções de uma teoria do ator plural. Procurou delinear sua teoria buscando apoios sociológicos, históricos, filosóficos e psicológicos, sem que suas referên-

* Mestrando em Educação na Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa Saberes, Cultura e Práticas Escolares, sob a orientação da professora Doutora Leilah Santiago Bufrem.

cias sejam homogêneas ou inscritas num único campo de saber. No entanto, não pretende que haja um caráter pluri ou interdisciplinar nas “aparentes misturas”, e sim que estejam a serviço da construção coerente da reflexão sociológica. Sua preocupação explícita foi evitar a teorização inconsciente e a generalização de um caso particular do real, como ocorre com as teorias evocadas.

A obra está dividida em quatro partes designadas por “Atos”. O primeiro ato denominado “Esboço de uma teoria do ator plural” se subdivide em quatro “cenas” que traçam os principais elementos de sua teoria, são elas: o ator plural; os determinantes da ação; analogia e transferência; a experiência literária: leitura, sonhos e atos falhos. O segundo ato descreve o lugar da linguagem na teoria da ação e se intitula “ Reflexividades e lógicas de ação”, é constituído por ter cenas como se segue: escola, ação e linguagem; as práticas ordinárias de escrita em ação; pluralidade das lógicas de ação. O terceiro ato procura estabelecer como ocorre o processo de interiorização do social designado por “ As formas de Incorporação”, composto de duas cenas: o lugar da linguagem; o que se incorporam? O quarto e último ato, “ Oficinas e debates”, refere-se à emergência de uma sociologia psicológica e dos contextos de pertinência dos estudos, é composto por duas cenas: a sociologia psicológica; campos de pertinência.

Estabelece um eixo de análises que gira em torno das teses da unicidade e da homogeneidade do mundo social, salientando que não há nenhuma evidência empírica que as confirme. Defende, em contra partida, a posição que faz articulação entre a heterogeneidade e multiplicidade de nossos sistemas de hábitos incorporados ligados aos diferentes domínios de práticas existentes e universos sociais que atravessamos. Portanto, o ator não é socializado por uma única forma geradora ou princípio único de todas as práticas, como afirma Bourdieu, e sim numa pluralidade de mundos sociais com princípios de socialização heterogêneos e, às vezes contraditórios.

No entanto, a mais evidente sustentação de suas críticas está nas generalizações abusivas que as diferentes teorias da ação têm feito de seus resultados, principalmente a teoria de Bourdieu. Assim sendo, vai resgatar a noção de *habitus* e de campo em Bourdieu, procurando relativizar a universalidade e durabilidade presentes na sua conceituação. Originalmente o *habitus* tem como campo de pertinência sociedades fracamente diferenciadas (pré-industriais e pré-capitalistas) e com baixo grau de objetivação e codificação, não sendo a ferramenta adequada para ser utilizada em sociedades complexas que produzem necessariamente atores mais diferenciados, confrontan-

do-se com situação heterogêneas, correntes e até contraditórias do ponto de vista da socialização que desenvolvem.

A teoria do ator plural estabelece, também, limites à teoria de campo ao afirmar que não se pode reduzir aos seus hábitos de campo, uma vez que, suas experiências vão além daquelas que podem ser vividas no âmbito de um campo, sobretudo se estão “fora de campo”. A teoria do campo representa uma forma regional do mundo social relacionada mais especificamente ao domínio das atividades profissionais.

Na teoria do ator plural os esquemas de ação são sínteses de experiências sociais que foram constituídas e incorporadas durante uma socialização anterior (passado) em diferentes contextos; eles ficam suspensos “depositados” e à disposição à espera dos desencadeadores de sua mobilização em contextos específicos no momento presente. As transferências e transposições dos esquemas de ação são raramente transversais ao conjunto dos contextos sociais, mas efetuam-se no interior dos limites imprecisos de cada contexto social. Na visão do autor no hábito como esquema de ação, ao contrário do que determina o senso prático de Bourdieu, não se põe a reflexividades ou à consciência. Quando postos em ação os hábitos corporais, gestuais, sensório-motores podem deixar o campo de consciência livre para os hábitos de reflexão, de conversação interna. Assim sendo, é possível falar de diferentes lógicas de ação: aquelas ligadas ao senso prático e aquelas ligadas a reflexividade da ação.

Grande parte das constatações feitas pelo autor vieram de suas reflexões e estudos sobre as práticas de escrita em ação. Para ele, a escrita faz ruptura com o senso prático na medida em que é uma exceção cotidiana com relação ao ajustamento pré-reflexivo do senso prático a uma situação atual. Desta forma, o registro escrito, como imediatismo das práticas cotidianas; é possível, então, refletir e registrar o planejamento, programar a atividade e organiza-la num período de tempo mais ou menos longo.

Procura ao longo dos capítulos ultrapassar os componentes presentes na conceituação do *habitus* através de uma rica gama de constatações empíricas. Entre os principais elementos analisados estão as noções de disposições, esquemas de ação ou hábitos, incorporação e transferibilidade. Para cada um desses elementos vai tecer suas críticas, relativizando-os e definindo como aspectos fundamentais de sua elaboração uma necessária reflexão sobre as diferentes formas de reflexividade na ação, a pluralidade das lógicas da ação, o lugar da linguagem no estudo da ação, as diferentes

formas e os processos pelos quais ocorre a incorporação e interiorização do social pelo indivíduo.

O autor afirma que os conceitos que procuram focar o estudo sociológico cada vez mais individualizado no ator, foram “tomados de empréstimo” de uma psicologia piagetiana sem os questionamentos necessários para superar suposições sem base empírica. É assim que ele vai reivindicar para a sociologia um programa de pesquisa e estudo sobre a construção das “estruturas” internas ao ator, tornando o “psiquismo individual” seu objeto. Portanto o que ocorre é um deslizamento no foco da escala de contextualização do grupo social mais extenso para o indivíduo mais singular. Assim abre-se um novo campo de investigação denominado pelo autor de sociologia psicológica, na qual o essencial reside no modo sociológico de tratamento do sujeito.

É importante acentuar que o social não se reduz às relações sociais entre grupos e principalmente às diferenças socioprofissionais, socioeconômicas ou, ainda, socioculturais, se não se quiser deixar de pensar que as diferenças mais finas não são mais socialmente engendradas e que, por conseguinte as estruturas cognitivas, emotivas, sensíveis..., Individuais estão fora da intelecção sociológica. O social é a relação. (LAHIRE, 2002, p.197)

Lahire demonstrou coragem ao questionar, contradizer, refutar e acrescentar novos ângulos em relação a um pensamento clássico como o de Pierre Bourdieu. Suas teses ajudam a evitar abusos nas generalizações em nossos estudos. No entanto, ao fazer suas críticas procurando contrapor a pluralidade à unicidade do ator e a homogeneidade do mundo social, acabou caindo no reducionismo que ele mesmo criticou em Bourdieu. Uma leitura mais concreta e coerente do real vai constatar que a complexidade das experiências sociais são, a um só tempo, homogêneas e heterogêneas, e que a unicidade e a pluralidade são tecidas juntas na formação do indivíduo. Somos singulares e plurais.

Um dos méritos da obra foi reunir uma grande quantidade de exemplos recolhidos principalmente da pesquisa empírica. O que é particularmente importante dentro deste livro é o constante apelo ao cotidiano, ao trivial e rotineiro, à análise empírica do mais próximo. Neste sentido, as relações sociais podem ser entendidas como fenômenos de interdependência

que podem ser reconstruídos nos diferentes contextos de convivência, ajudando a compreender melhor como se constroem nossos diferentes esquemas de ação, sejam eles ligados ao senso prático, pré-reflexivo, ou reflexivo.

A leitura se torna agradável devido à clareza e ao rigor das análises, feitas através de muitas citações; as metáforas utilizadas foram muito justas, sempre tomando o cuidado de apontar os seus limites.

É uma obra que se torna importante não só para aqueles que se interessam pelo debate sociológico, mas para todos os que se interessam em compreender e interferir nos determinantes de nossas ações em diferentes contextos complexos, singulares e plurais.